CAMILO CASTELO BRANCO

MARIA! NÃO ME MATES, QUE SOU TUA MÃE!

Meditação sobre o espantoso crime acontecido em Lisboa:

Uma filha que mata e despedaça sua mãe

Mandada imprimir por um mendigo, que foi lançado fora do seu convento, e anda pedindo esmola pelas portas.

Oferecida aos pais de famílias, e àqueles que acreditam em Deus



HIENA EDITORA

CAMILO
CASTELO BRANCO

MARIA! NÃO ME MATES, QUE SOU TUA MÃE!

Meditação sobre o espantoso crime acontecido em Lisboa:

Uma filha que mata e despedaça sua mãe

Mandada imprimir por um mendigo, que foi lançado fora do seu convento, e anda pedindo esmola pelas portas.

Oferecida aos pais de famílias, e àqueles que acreditam em Deus



HIENA EDITORA

Apartado 2481
1112 LISBOA CODEX

Título
MARIA! NÃO ME MATES, QUE SOU TUA MÃE!

Autor
CAMILO CASTELO BRANCO

Capa de
AUGUSTO T. DIAS

Tiragem 1000 exemplares
Lisboa, Março de 1987

Na Rua da Rosa em Lisboa, nasceu Camilo Castelo Branco de amores clandestinos, ou quase, entre o "doido" Manuel Botelho, — que a mão pesada de Paulo Osório liga no sangue a "desordeiros, assassinos, loucos morais, libertinos e excêntricos", e a sua criada Jacinta Rosa, "filha de uma louca". Ele, Camilo, assim mesmo (ou por isso mesmo) "homem de génio"; levado desde criança para o Norte (o seu Norte) onde enfrentará, órfão, o que pode chamar-se uma vida apimentada entre as mais trágicas nas letras portuguesas.

Vilarinho de Samardã dá-lhe os pálidos risos da sua infância; dá-lhe o Padre António — essa alma de Deus capaz de "tanto latim, tanta virtude", mas na escola inutilmente agarrada ao cantochão... Aos quinze, porém, já Camilo vive em Friúme fazendo uma perna no tabelião, outra na secretaria da Fazenda; e aos dezasseis celebra casório com uma abastada Joaquina de quinze — que logo a seguir despreza sob pretexto de estudos, lon-

ge, na escola do padre-mestre Manuel Rodrigues. Aos dezoito são uns amores de escândalo com a Maria do Adro; aos dezanove a Medicina no Porto e umas férias na Samardã para encenar ao vivo (acreditemo-lo) um lance tresloucado de novela negra: — o "desenterro" da infeliz Maria do Adro, "que saudades!", e a veneração necrófila dos seus restos quase intactos que ele esconde num cesto, debaixo da cama. Aos vinte faz em Coimbra uma experiência distraída de Direito; e aos vinte e um, sabendo já dos seus talentos ensaia artigos, poemas, romances, umas teatradas, e dirige um pedido de protecção literária a Herculano, conservador na Biblioteca da Ajuda: "Poderei eu ir a Lisboa, esperançado na caridade de V. S.ª?"

Em 1848 — o ano que mais nos interessa — Camilo completa vinte e três de idade e está no Porto sem saber de família, nem de amigos, nem de comida certa. Não passa de um "anjo puro de inocência", diz ele, "um anjo literato" quando salta "na Ribeira do Peixe da invicta cidade". A colaboração que dois jornais lhe aceitam é mal paga. O Hotel Francês da Rua da Fábrica, esse... quer as mensalidades em dia.

— Que fazer?

— Maria! Não me mates, que sou tua mãe!... *anónimo... tipografia do Eco... de cordel!*

Tomás Ribeiro recordará um dia no Imparcial*: "Os jornais noticiaram então o assassinato de uma pobre velha, atribuído à sua própria filha, e dizem hoje informações insuspeitas que falsamente lho atribuíram. Camilo escreveu numa noite o pequeno livro que ia sendo consecutivamente impresso." E acrescenta: "No dia seguinte a comovente narrativa, comprada sofregamente, salvava o poeta duma bancarrota."*

*

Aqui está como o grande romancista português do Séc. XIX se estreia na edição autónoma por um acto de contracultura admirável, nessa qualidade mais desenvolto que os "prés"-Balzacs, que os "sous le manteau" de Apollinaire, por exemplo.

A noção de valor em Cultura impõe-se através de velhas e policiadas regras. E uma carreira central *nas letras não se escava nunca pela hostilidade aberta ao seu decentíssimo Código. Por isso Camilo adopta o anonimato. Mas reconhece também que aquela oportunidade o incita à subversão das "regras do cordel", à procura do traço ambíguo que preserva ali a pureza do espectáculo mas faz boa capa ao riso que ele pretende rir sem o escândalo ofendido dos espectadores.*

Não se engane, pois, o leitor deste século — desta distância — com o "desleixo" da forma ou a "desmesura simplória" da anedota. Em 1848 Camilo não era (claro que não era) o prosador que hoje admiramos. Mas basta a novela O Esqueleto, *do mesmo ano* [1], *como prova certa de que sabia ultrapassar muito, em termos de formalismo cultural, o que aqui vai ler-se e é, de facto um bem assumido "estilo-outro", um saber-estar no "cordel" que velava o seu acto (subterrâneo) de formidável humor.*

Contra o sorriso de muitos, Maria! Não me mates... *fica como um instante magnífico em subversão literária do futuro autor desta torrente farta e arrebatada, quase sempre tendenciosa, que nos habituámos a amar e a ler num português como em muito poucos lados se vê (e verá — vamos estando, dia após dia, certos).*

A.F.

---

1. — Não confundir com o romance de título idêntico, publicado em 1865. O texto em questão apareceu em 1848 no Nacional *e está recolhido no Vol. V dos* Dispersos de Camilo *(Imprensa da Universidade, Coimbra 1939). Recentemente foi publicado nas Edições Rolim.*

PAIS DE FAMÍLIAS!

Atendei e vereis o maior de quantos crimes se tem visto no mundo! Vereis uma filha matar a sua mãe, porque esta lhe não deixava fazer o quanto desejava.

Vereis como essa filha corta a cabeça de sua mãe, e os braços, e as pernas, e vai pôr cada pedaço de corpo de sua mãe em diferentes lugares, para que ninguém conhecesse o cadáver da morta, nem a mão que a matara e despedaçara. Vereis como a matadora de sua mãe, de sua mãe ó pais de famílias, de sua mãe, que a trouxera nas entranhas, que lhe dera o alimento dos seus peitos, que a criara ao

seu lado com beijos e afagos, que tirara o pão da sua boca para o dar à sua filha, que fora talvez pedir uma esmola para que a sua filha não tivesse fome, e não desse seu corpo em troca de um bocado de pão! Vereis como esta filha sem alma, sem medo de Deus, sem temor das penas do inferno, é descoberta como matadora de sua mãe, por um milagre, pela providência de Deus! Vereis aquela mulher com alma de tigre comer com toda a vontade e contentamento, ao pé da cabeça ensanguentada de sua mãe, e responder quando lhe perguntam se é aquela a cabeça de sua mãe.

— Sim! — disse ela — essa é a cabeça de minha mãe!

E continuou a comer.

Pais de famílias! Eu vou contar-vos o mais triste e espantoso acontecimento que viu o mundo, e que talvez não torne a ver. Chamai vossos filhos para junto de vós. Lede-lhe esta história, e fazei que eles a decorem, que a tragam consigo, e que a repitam uns aos outros.

Pais de famílias! O que escreveu estas linhas com o seu pouco saber talvez vos terá ido à porta mendigar as migalhas da vossa mesa.

Deus Nosso Senhor Jesus Cristo permita que eu possa levar a compaixão ao coração dos que me lerem, que eu desgraçado pecador fico pedindo a Deus pela alma daquelas infelizes mãe e filha.

Em Lisboa, na travessa das Freiras n.º 17 havia um homem chamado Agostinho José casado com Matilde de Rosário da Luz.

Tinham duas filhas, uma das quais se chamava Maria José. Farto de trabalhar para sustentar com o suor de seu rosto a honra de sua família, Agostinho José morreu, e deixou entregue à sua virtuosa mulher as suas duas filhas, dizendo-lhe:

— Matilde, quando não puderes trabalhar com tuas filhas, vai pedir uma esmola para lhes dares um bocado de pão, mas não as deixes cair na desgraça de mundanas, porque eu não me poderei salvar se minhas filhas desonrarem minhas cinzas.

O pobre velho morreu abraçado à sua querida mulher, e amados filhos, e pode-se dizer que os levou atravessados na garganta para a sepultura.

A desgraçada viúva pôs uma das suas filhas a servir em casa de honrados amos, e ficou com a outra em casa para a ajudar a viver.

Metia compaixão ver aquela mãe, tão contente com a sua filha, depois de terem ambas repartido entre si os poucos lucros do seu trabalho, aplicados para um bocado de pão e uma sardinha, ver como ela ensinava à filha as orações que já sua mãe lhe havia ensinado, o modo de pedir a Deus um meio de passar a vida com honra e sem vergonhas do mundo! Maria José (este era o nome da filha) parecia que amava sua mãe com toda a sua alma e coração.

Andava de dia vendendo algumas coisas numa tendinha que tinha comprado com as economias de sua mãe, e de noite rezava o terço à Virgem Maria, e ao mesmo tempo compunha

meias para fora, com cujo produto se vestia. Toda a vizinhança olhava para esta rapariga com admiração porque já tinha 29 anos, e ainda não havia nota ruim que se lhe pusesse, e ninguém se atrevia a pôr nela a boca.

Uma vez andando Maria José vendendo com a sua tenda, chegou-se ao pé dela um rapaz de boas maneiras, e começou a conversar com ela sem lhe dizer coisa que tivesse maldade. A rapariga escutou-lhe as palavras, e ficou entendendo que o José Maria (era o nome dele) não era mau rapaz e que a não buscava para maus fins.

Continuou a conversar com ele, até que ele lhe chegou a dizer que se fosse da vontade dela, que se lhe não dava de casar com ela.

Maria José não desgostou de ouvir o que lhe disse o seu conversado, e respondeu-lhe que quem governava nela que era a sua mãe, e se ele não estava a mangar que fosse falar com ela, e talvez lhe desse o sim, porque sua mãe não a queria para freira.

O José Maria foi falar com a viúva

Matilde, e esta boa mulher lhe disse que se ele fazia pela vida e era amigo do trabalho, que ela não se lhe dava que sua filha casasse, e quanto mais que isso eram coisas que estavam à vontade de sua filha, e não à sua, porque não era ela que casava.

Ao que o rapaz respondeu que já tinha o consentimento de sua filha, e que então ia mandar ler os banhos.

José Maria continuou a ir a casa da esposada, enganando-a que se estavam a ler os banhos.

A rapariga afez-se a ter paixão por ele, porque o via a todas as horas, e esperava que o traidor lhe não mordesse a palavra. A mãe, que tinha mais anos e mais experiência do mundo, agourava mal daqueles amores, porque os banhos nunca mais se acabavam de ler, e o José Maria tinha já uma confiança em sua casa como se fosse marido de sua filha. Quando aquela boa mãe repreendia com boas maneiras a muita fraqueza da filha, esta toda se arrufava, e virava as costas à mãe, resmungando palavras de-

sobedientes. Filhas ingratas! Mal sabeis vós que torcer os olhos de mau modo para uma mãe é o mesmo que cuspir nas tábuas da lei de Deus!

O enganador José Maria, com o demónio no coração, a impostura na boca, foi pouco a pouco amolecendo a fraca resistência que Maria José fazia ao seu brutal apetite. A pobre rapariga se tivesse ouvido os conselhos de sua mãe não cairia na desgraça de se deixar enganar como de facto deixou pelo seu pérfido homem que para outra coisa não ia àquela casa, senão para fazer jogo da confiança que lhe fora dada.

A infeliz mãe pressentiu a desonra de sua filha e já não lhe podia valer. Assim mesmo um dia com as lágrimas nos olhos lhe disse estas palavras:

— Minha filha! eu muitas vezes te disse o que eram os homens, não que eu tivesse queixa do meu, porque teu pai era honrado e virtuoso como aqueles que o são; mas porque os rapazes de hoje não são o que eram os dalgum dia.

Disse-to muitas vezes, e tu ou me respondias com arremesso e enfado ou me viravas as costas em ar de desprezo. Não te pude valer. Deus Nosso Senhor me perdoe — se eu não tive forças para te castigar, porque eu tinha-te muito amor, e nunca me capacitei deveras que houvesse um tredo tão grande como o José Maria.

Mas já agora que não tem remédio, minha filha, filha do meu coração, em bom pano cai uma nódoa. Minha filha, por alma de teu pai que está na presença de Deus a pedir teu perdão, pelas cinco chagas te peço que deixes esse homem, que há-de acabar de te lançar na perdição, onde não acharás meios de te salvar da justiça de Deus, e das vergonhas do mundo.

— Minha mãe — respondeu-lhe a filha — ora deixe-me que não estou para aturá-la. Ainda vinha a tempo com os seus sermões. O valer-me era a tempo, agora que eu sou dele como se fosse sua mulher hei-de ser com ele desgraçada até à morte. Sabe que mais? Se casar, casou; se não casar é

o mesmo; eu gosto e ele gosta...

— Ai minha filha — respondeu a mãe — que linguagem é hoje a tua tão diferente daquela que era antes de este maldito aqui entrar. Ai minha filha que estás de todo! Ó meu marido! perdoa-me, perdoa-me, bem vês que eu não fui culpada.

E a desgraçada viúva pôs a cara sobre as mãos e começou a chorar, quando a sua filha se pôs a cantarolar e a rir da posição magoada e aflitiva de sua mãe. E disse-lhe estas palavras insultantes:

— Ó minha mãe... sabe que mais... eu não estou para aturá-la. Se quer estar comigo há-de ver, ouvir e calar, que é regra de bem viver, se não quiser a rua é larga, o mundo é grande.

— Queres dizer com isso que me pões fora de casa, não é o que queres dizer-me?! — perguntou a mãe.

— Ou isso, que vale a mesma coisa. Respondeu a filha.

A atribulada viúva, cheia de razão e justa raiva exclamou em voz alta:

— Pois então sabe que se eu até

aqui te tratei como mãe carinhosa, de hoje em diante hei-de ser mãe como deve ser.

Se de ora em diante aqui tornar a ver José Maria hei-de queixar-me à administração do concelho que esse homem vem a minha casa contra a minha vontade, e tu e mais ele haveis de ser atrancados no Limoeiro, tu como filha desobediente e ele como um sedutor de uma rapariga que se deixou ir de suas palavras.

— Bem me importa a mim dessas coisas — replicou a filha — pela constituição não se prende ninguém por seduzir raparigas, e de mais foi muito de meu gosto, acabou-se, está dito.

— Veremos, Maria, veremos qual de nós é que vence! Oh meu Deus, dizia a velha no profundo do seu coração, oh meu Deus, mudai as tenções de minha filha, mostrai-lhe a verdade das minhas palavras, e fazei que ela conheça o caminho da perdição, onde a sua má estrela a lançou.

A filha ria-se de escárnio, e ao mesmo tempo estava com ódio a sua mãe.

Deus não quis tocar-lhe o coração, porque Ele quis ver até que ponto poderiam chegar os crimes no século de desmoralização e pecado em que vivemos.

Passou-se aquele dia de lágrimas para a mãe, e Maria José não apareceu em casa o resto do dia porque tinha ido onde estava o seu amante e disse-lhe que a mãe não queria torná-lo a ver lá em casa, e que se ele lá tornasse ela dissera que havia de ir acusá-lo à administração do concelho.

Com estas novas o malvado atemorizou-se porque já tinha sido acusado como vadido e ratoneiro, e era bem conhecido pelos beleguins da administração. E assim, ou para se desfazer da rapariga, ou porque realmente desejasse o que há de mais cruel no mundo, aconselhou a rapariga para que matasse sua mãe!

Oh céus, onde estão os vossos raios que não caem sobre a cabeça deste infame, que pede a uma amante que mate sua mãe, para mais a salvamento gozar os seus escandalosos e torpes

desejos! Oh céus! como quereis que um homem vos insulte tão claramente, atrevendo-se a proferir estas palavras: *ó filha mata tua mãe!...* Meu Deus, eu sou um fraco bichinho na terra, e atrevo-me a interrogar a vossa alta sabedoria! Perdoai-me, meu Deus!

Maria José, quando tornou para casa, no dia seguinte, ainda sua mãe não tinha comido nem bebido e estava deitada sobre a cama, vestida, com os olhos inchados de chorar. Parece que tinha envelhecido vinte anos. As rugas da pele tinham-se profundado, e os cabelos embranqueceram-lhe em o espaço duma só noite.

— Então que faz aí sua tola? — disse a filha já atentada pelo demónio à desgraçada velha.

A mãe não respondeu, e continuou a chorar, e depois de dar magoadíssimos suspiros atirou-se da cama abaixo, e lançou-se aos pés da filha.

— Minha desgraçada filha! (exclamou ela). Atende às lágrimas de tua mãe; bem vês que é aquela que te deu ao mundo, que sofreu as dores de

mãe, que se lança de joelhos a teus pés, pedindo que não lhe cubras a cara com o negro véu da vergonha nos últimos dias de sua vida.

A mãe ia a continuar, quando a perversa filha, interrompendo-a, com desesperação e raiva:

— E olhe que se assim continuar não há-de viver muito. Das duas uma, ou o José Maria há-de ter aqui entrada a toda a hora do dia e da noite, ou então... então...

Nisto entrou o José Maria. Era um rapaz de mediana estatura, ao que parecia de vinte e quatro anos. Tinha os olhos negros, e quase negras as faces. Os cabelos compridos, com a barba cerrada pouco lhe deixavam ver as feições. Tinha a testa franzida continuamente como o matador que sente um cancro de remorso a tragar-lhe as entranhas.

Quando ele entrou a velha tremeu, e a dissoluta Maria José pendurou-se--lhe nos ombros a beijá-lo.

Matilde, assim escarnecida por essa filha prostituta, arrancou do peito um

grito de dor como se lhe tivessem dado uma facada no coração.

Quis fugir pela porta fora, mas o José Maria e a Maria José não a deixaram sair por temerem que a velha se fosse à administração do concelho queixar das afrontas que lhe faziam. Por fim a infeliz e atribulada viúva e mãe de todas as mais desgraçadas não teve remédio senão calar-se porque não queria que os vizinhos escutassem as desonrosas e vergonhosas questões que haviam em casa.

O José Maria saiu, e quando já estava de fora da porta chamou pela sua concubina e disse-lhe: — Maria; ou tu hás-de dar cabo dessa maldita velha o mais breve, ou então eu deixo-te por uma vez, e não quero saber de desgraças.

Maria respondeu: — Ora eu tenho medo de a matar, ela grita e cá por cima mora a mestra de meninas, que a ouve, e depois se se sabe que há-de ser de mim?

— Tu és uma estúpida, respondeu o malvado, o matá-la é de dia porque as

meninas fazem barulho a ler, e não se devem ouvir os gritos de tua mãe.

— Mas eu tenho tanto medo de matá-la!!... Tenho alguma pena dela, se tu casasses comigo já ela te não proibia que cá viesses, e se me tens amor, a ponto de quereres que eu mate minha mãe, então porque não casas comigo?

— Está bom, está bom, temos lamúrias? — replicou o José Maria. — Se queres, queres, se não queres *nentes que se escama o gajo.*

Isto são ditos que os vadios e brejeiros têm sempre prontos.

José Maria foi-se, e a rapariga, desesperada e aflita com os feios modos e destemperos do seu amante, foi-se ter com a mãe, e descompô-la com estas e outras palavras:

— Você su estupor velho, é a causadora da minha perdição. O meu regalo era pegar nesta faca e cortar-lhe a cabeça com ela. Su estafermo saia daqui...

E dizendo isto deu um pontapé na mãe, que não teve remédio senão sair

do lugar aonde estava para o patamar da escada.

A filha saiu, foi-se ter com o José Maria a uma taverna da rua da Rosa das Partilhas, enquanto foi, a mãe depois de chorar lágrimas de sangue, e de ter pedido a Deus que pela sua infinita misericórdia desse um jeitinho à vida errada de sua filha, foi ver debaixo do enxergão se acharia um pé de uma meia que lá tinha com 3 moedas, restos de todas as economias de sua vida, e que ela reservava para mandar dizer 60 missas por sua alma e 6o por alma do seu marido de esmola 120 reis cada uma. Mas qual seria o seu espanto e aflição quando não achou o seu dinheirinho? Primeiramente deu um grito do fundo do coração, e depois perdeu os sentidos e caiu. Este dinheiro já a filha lho tinha roubado para o dar ao seu amante. Quando Maria José entrou e viu assim desfalecida sua mãe, e a cama mexida, conheceu logo que sua mãe já sabia do roubo, e que havia de berrar; e assim esteve logo ali para a matar. A velha

tornou a si, e quando viu diante sua malvada filha começou com grandes gritos a pedir-lhe o seu dinheirinho, que era a sua salvação e da alma de seu marido!

A filha primeiro quis fazê-la calar à força pondo-lhe a mão na boca; mas vendo que nada conseguia, foi-se ter com António Ferreira do Sul, regedor da freguesia de Santa Engrácia, e disse-lhe que mandasse meter sua mãe no hospital, que estava doida, e berrava que a queriam matar.

O regedor disse-lhe que havia de informar-se do estado de sua mãe, e que ele daria as providências.

Maria José veio para casa, e disse a sua mãe que no dia seguinte lhe traria o seu dinheiro.

A infeliz desgraçada velha, com isto sossegou alguma coisa, mas ó desgraça! ó dor! ó crime sem igual! a maldita e condenada filha já a estas horas fazia de conta que às mesmas horas do dia seguinte teria matado sua mãe!

Oh! meu Deus! dai-me forças para poder continuar e enxugai-me estas

lágrimas dos olhos!

Filhas que amais vossas mães, tremei, tremei de horror! Mães que amais vossas filhas, chorai, chorai de compaixão! Pais de famílias que me ledes, fazei por dar uma educação a vossos filhos, que não deixe remorso na hora tremenda em que vossas almas estiverem para voar à presença de Jesus Cristo!

Em toda a noite daquele dia, Maria não apareceu em casa, foi onde estava o José Maria e pediu-lhe ferros para matar sua mãe. O malvado deu-lhe duas facas de sapateiro, e lá lhe disse que fizesse aquilo que vou contar, se Deus Nosso Senhor mo permitir.

Eram dez horas do dia 11 de Setembro, quando Maria entrou em casa. A mãe logo que a viu perguntou-lhe com muito bom modo se trazia o dinheiro que lhe tirara, e a filha respondeu que não tardava. E depois esta sentou-se ao pé da mãe, e disse-lhe que queria que a catasse, a mãe respondeu que sim. Maria José puxou-lhe a cabeça para o regaço e catou-a um poucachinho. E indo a mexer-se para tirar do bolso da algibeira, oh meu Deus! uma das facas, a mãe sentiu o barulho das duas folhas das facas, e perguntou:

— Que trazes no bolso, Maria?

— São duas facas, minha mãe.

— Para que andas de faca?

— São do José Maria que mas deu para eu mandar amolar ao barbeiro.

A mãe calou-se, e nesta ocasião já a filha tinha uma das facas na mão.

Virgem Maria, suspendei o braço dessa filha que vai matar sua mãe!

Maria José ergue o braço e dá uma facada no lado direito do peito daquela que lhe dera o ser.

A infeliz vê-se ferida — dá um grito, ninguém a ouve, a matadora fica-se como espantada e com o braço erguido diante de sua mãe que já lutava com os arrancos da morte.

Matilde umas vezes de joelhos, outras encostada, já com o suor da morte gota a gota pelo rosto abaixo disse estas tristes palavras a sua filha:

— Maria, porque me matas? Maria

minha filha, tiveste coração de enterrar uma faca no peito de tua mãe! Tiveste coração de rasgar aquelas entranhas que te geraram! Maria, porque me matas? Que mal te fiz eu, minha filha, para me dares esta facada por onde me foge a vida? E se tinhas tenções de me matar, porque me não mandaste confessar, ou ao menos fazer o acto de contrição? Ah Maria, Maria, que tens de dar contas a Deus pela minha e pela tua alma!

Ia para ajoelhar-se diante de uma velha cruz que estava à cabeceira da cama quando Maria José lhe deu outra facada no pescoço. A desgraçada ainda disse: — Meu Pai do Céu... perdoai-me. E morreu.

Cobre-te de luto ó natureza! Chora no Céu **Virgem Maria** que também fostes mãe carinhosa! Chorai aves do ar que criais os vossos filhos debaixo das vossas asas! Chorai que aí caiu uma boa mãe morta com duas facadas aos pés duma filha já condenada!

Depois de morta sua mãe, Maria José com a maior presença de espírito

e ânimo de carrasco com a mesma faca começou a cortar-lhe a cabeça, e vendo que não podia arredondar o osso, foi cortar com segunda faca, e como ainda não pudesse, começou a dar-lhe golpes de machada, até que de todo lhe despegou a cabeça do pescoço. Depois cortou-lhe as orelhas e o nariz e os beiços e deu-lhe mais de vinte golpes na cara, e queimou-lhe o cabelo. Depois levantou um tijolo do lar e enterrou os pedaços da cara e da cabeça.

Depois cortou-lhe as pernas e as mãos. E à noite embuçou-se num capote e pegou no tronco da mãe e foi pô-lo na obras de Santa Engrácia. Tornou a casa, pegou nas pernas e nas mãos e foi pô-las na travessa das Mónicas. E depois voltando para casa pôs-se a lavar a roupa ensanguentada da mãe e deitou-se nos mesmos lençóis onde sua mãe dormia com ela dois dias antes e com a cabeça dessa mesma mãe enterrada aos pés da cama. No dia seguinte saiu de casa e foi-se pôr a ver o corpo e as pernas

de sua mãe entre aquela multidão de pessoas que lastimavam aquele acontecimento. Aconteceu estar aí o mesmo regedor a quem ela pedira que mandasse meter sua mãe no hospital dos doidos. O que o regedor por uma inspiração do céu mandou prender aquela mulher, e levando-a a casa passaram a perguntar-lhe por sua mãe, e ela respondia que não sabia. Mas no quintal da mesma casa estavam a enxugar algumas roupas tintas de sangue. O regedor escavando no lar achou a cabeça e os pedaços de cara — perguntou a Maria José se conhecia aquela cabeça, e ela respondeu comendo melancia com pão:

— *Conheço, é de minha mãe!!*

Passou-se a um processo, e a ré foi condenada no dia 5 de Novembro a sofrer morte natural para sempre na forca, que se há-de levantar no campo de Santa Clara, passando por aqueles lugares onde foi pôr os pedaços do corpo de sua mãe. Aqui tendes — ó povos! o maior crime que viu o mundo, praticado em Lisboa no ano de 1848!

Estes atentados contra Deus, esta guerra de irmãos com irmãos, estes acontecimentos de filhos matarem pais, e esses sinais que nos aparecem no céu, tudo indica que o fim do mundo está chegado.

FIM

colecção memória do abismo

1 — ÂNGELO DE LIMA
Poemas in Orpheu 2 e outros escritos

2 — JEAN GENET
O funâmbulo

3 — GEORGES BATAILLE
O ânus solar

4 — LUÍS CERNUDA
Os prazeres proibidos

5 — ANTONIN ARTAUD
A arte e a morte

6 — CHARLES BUKOWSKI
Dá-me o teu amor

7 — F. SCOTT FITZGERALD
A fenda aberta

8 — LOUIS-FERDINAND CÉLINE
Vão navios cheios de fantasmas...

9 — FERNANDO PESSOA
Aviso por causa da moral

10 — YUKIO MISHIMA
Genet

11 — ALDOUS HUXLEY
O Céu e o Inferno

12 — GEORGE MOORE
O outro sexo de Albert Nobbs

13 — ANTONIN ARTAUD
Van Gogh, o suicidado da sociedade

14 — CAMILO CASTELO BRANCO
Maria! Não me mates, que sou tua mãe!

colecção memória do abismo 14